

SISTEMÁTICA DOS MYSIDACEA (CRUSTACEA) NA REGIÃO DE CANANÉIA*

Recebido em 21/novembro/1974

M.S. DE ALMEIDA PRADO

Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo

SYNOPSIS

Mysids collected at Cananéia region (Lat. 25°04'S - 25°58'S and Long. 047°54'W - 047°57'W) during the period Sept. 1969 - Sept. 1970 have been systematically studied. The following species are re-described and figured: *Bowmaniella (Coifmanniella) brasiliensis*, *Mysidopsis tortonesi*, *M. coelhoi*, *Brasilomysis castroi*, *Metamysidopsis elongata atlantica* and *Promysis atlantica*. The diagnoses are based on characters easily observed and useful to their identification. The geographic distribution is given for all species studied in addition to the zoogeographical distribution of mysids from Brazilian shallow waters.

INTRODUÇÃO

São poucos os trabalhos sobre os Mysidacea da costa atlântica da América do Sul. Foram as seguintes as expedições que atingiram a costa brasileira e estudaram sistematicamente os Mysidacea:

U.S. Exploring Expedition (1838-42), Rio de Janeiro, Dana, 1952 (apud Tattersall, 1951 e Brattegard, 1969).

Plankton Expedition der Humboldt Stiftung (1889), desembocadura do rio Tocantins, Ortmann, 1893.

British Antarctic (Terra Nova) Expedition (1910), Rio de Janeiro, Tattersall, 1923.

Vettor Pisani (1882-85), 15°S - 038°W, Brasil, Coifmann, 1937 (apud Tattersall, 1951 e Brattegard, 1969).

* - Este trabalho faz parte de tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

Além dos resultados destas expedições, podemos contar com os de W. Müller que coletou em Armação, Rio de Janeiro (Zimmer, 1918).

Sõ recentemente, porém, surgiram trabalhos baseados em coletas esparsas no litoral dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo (Costa, 1964; Bacescu, 1968a, b, c; Silva, 1970 e 1971a), ao largo do nordeste brasileiro (Silva, 1971b) e finalmente na região de Cananãia (Almeida Prado, 1972).

O material estudado é proveniente da região de Cananãia e foi coletado na área limitada pelas Lat. $25^{\circ}04'S - 25^{\circ}58'S$ e pelas Long. $047^{\circ}54'W - 047^{\circ}57'W$ (Fig. 1).

Serã apresentada uma diagnose de cada espécie, baseada em caracteres práticos de classificação, sua ocorrência e distribuição geográfica. Serão discutidas ainda, a zoogeografia das espécies coletadas, até o presente momento, em águas brasileiras.

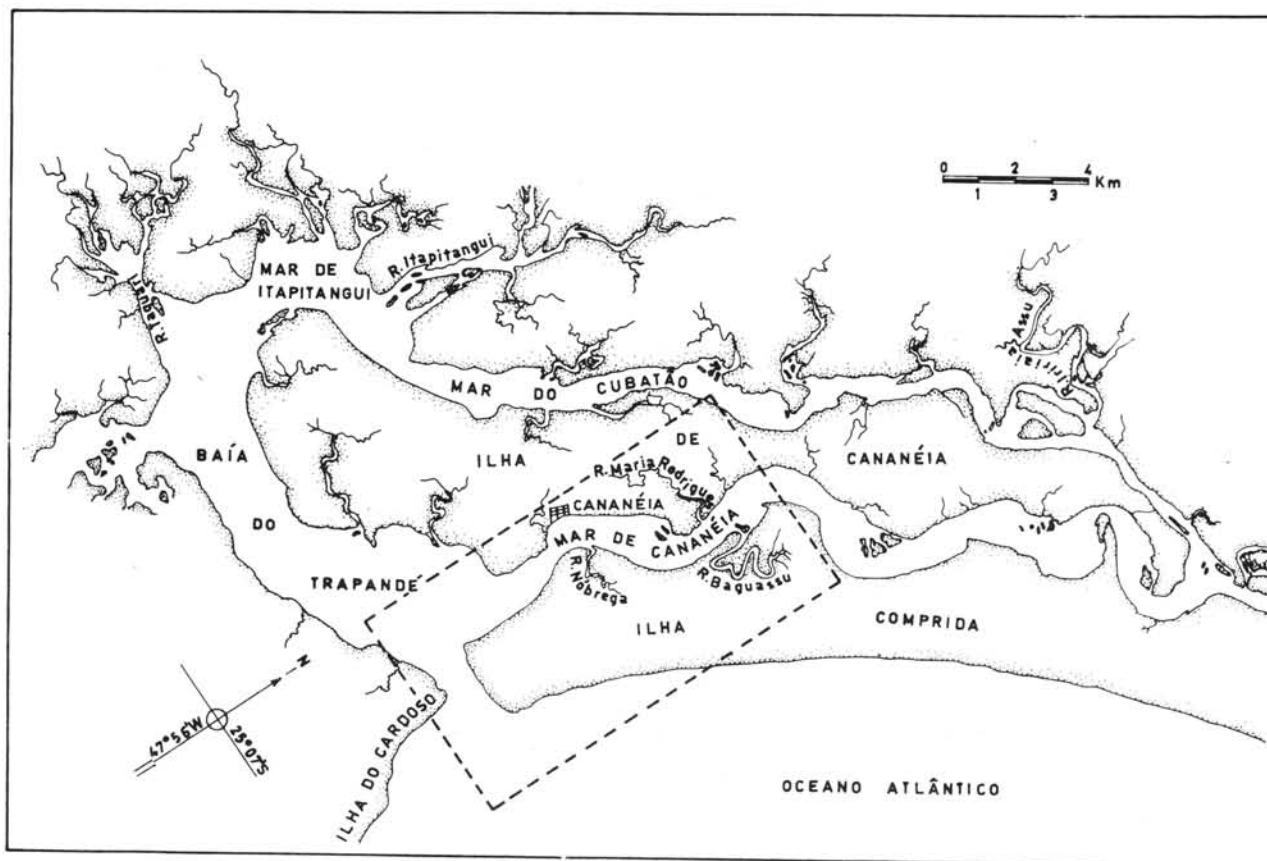


Fig. 1 - Região de Cananãia.

MATERIAL E MÉTODOS

As amostras estudadas neste trabalho são provenientes de arrastos sobre o fundo, feito por meio de uma rede *D*, malha 295 μ (Almeida Prado, 1972).

O material coletado foi lavado, logo após as coletas, em água do mar através de uma peneira de seda (malha 295 μ) para remover a areia fina e os detritos e, depois, fixados em álcool 70%.

As dissecções foram feitas sob lupa e as peças montadas em álcool glicerinado sobre lâminas. Os desenhos foram executados com o auxílio de uma lupa *M-5* e de um microscópio *M-20* marca Wild, com as suas respectivas câmaras claras.

As diagnoses se apoiam em critérios práticos de classificação, por isso, alguns pormenores morfológicos das espécies descritas são apresentados somente nas figuras.

O comprimento dos espécimens foi tomado desde a extremidade anterior do rostro até a posterior do telso.

De um modo geral a nomenclatura morfológica adotada é a de Tattersall & Tattersall (1951), entretanto, foi introduzido algum termo novo usado por Bacescu (1968a, b, c) e Brattegard (1969, 1970a, b).

DIAGNOSE DAS ESPÉCIES

Subordem - Mysida

Família - Mysidae

Subfamília - Gastrosaccinae

Bowmaniella (*Coifmanniella*) *brasiliensis* Bacescu, 1968

Subfamília - Mysinae

Tribo - Leptomysinae

Brasilomysis castroi Bacescu, 1968

Metamysidopsis elongata atlantica Bacescu, 1968

Mysidopsis coelhoi Bacescu, 1968

Mysidopsis tortonesi Bacescu, 1968

Promysis atlantica Tattersall, 1923

a - *Bowmaniella* (*Coifmanniella*) *brasiliensis* Bacescu, 1968

(Figs 2-4)

Bowmaniella (*Coifmanniella*) *brasiliensis*, Bacescu, 1968c, p. 363, figs 5-6.

Bowmaniella (*Coifmanniella*) *brasiliensis*, Brattegard, 1970a, p. 22.

Bowmaniella (*Coifmanniella*) *brasiliensis*, Almeida Prado, 1972, p. 11, figs 11-13.

DIAGNOSE - Olhos ovais; borda posterior da carapaça com lobos não refletidos (Fig. 3*i*); escama da antena: borda externa nua, terminando num grande espinho apical, pequeno artícuo apical, comprimento maior que o primeiro artícuo do endópodo da antena (Fig. 3*b*); carpo-própodo da 2^a-8^a pernas torácicas multiarticuladas (Fig. 3*g*); ampola genital do macho excepcionalmente grande (Fig. 3*h*); placa pleural do 1º segmento abdominal da fêmea prolongada numa lamela lateral, parte do marsúpio; exópodo do 3º par de pleópodos desenvolvido e extremamente modificado (Fig. 4*a, b, c*); lobo dorsal no 5º segmento abdominal; borda externa do exópodo do urópodo provida de muitos espinhos bem justapostos (cerca de 20); borda interna do endópodo provida de poucos espinhos (cerca de 5-7) (Fig. 4*d*); telso chanfrado, espinhos laterais (cerca de 6-8), 2 apicais bem justapostos, cerca de 15 espinhos de cada lado da chanfradura (Fig. 4*e*).

MATERIAL EXAMINADO - Foram examinados 3 machos adultos (9,0-9,5 mm), tamanho médio 9,3 mm; 12 fêmeas adultas (7,5-13,0 mm), tamanho médio 10,4 mm.

OCORRÊNCIA - Baías de Mangaratiba e de Sepetiba, Rio de Janeiro (Bacescu, 1968*c*); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).

b - *Brasilomysis castroi* Bacescu, 1968
(Figs 5-7)

Brasilomysis castroi Bacescu, 1968*a*, p. 81, figs 3-4.

Brasilomysis castroi Brattegard, 1969, p. 61, fig. 18.

Brasilomysis castroi Almeida Prado, 1972, p. 10, figs 6-8.

DIAGNOSE - Espécie "elegante", com apêndices longos e delgados, olhos cônicos, pedúnculo ocular extremamente longo; escama da antena lanceolada, extremamente longa e estreita, com cerdas ao longo de toda a borda, grande artícuo distal truncado (Fig. 6*a*), endópodo da 3^a-8^a pernas torácicas provido de espinhos flagelados (Fig. 7*a*) que gradativamente aumentam de comprimento no sentido distal (Fig. 7*b*); 4º pleópodo do macho com 8 artícuos e longo espinho terminal cerdoso (Fig. 7*c*); exópodo e endópodo do urópodo com cerdas em toda a borda (Fig. 7*d*); telso inteiro e linguiforme (Fig. 7*e*), provido de espinhos (cerca de 70), espinhos látero-basais dispostos espaçadamente, látero-apicais justapostos e ornamentados (Fig. 7*f*).

MATERIAL EXAMINADO - Foram examinados 20 machos (8,0-9,0 mm), tamanho médio 8,42 mm; 20 fêmeas (7,5-9,0 mm), tamanho médio 8,27 mm.

OCORRÊNCIA - Ubatuba, São Paulo (Bacescu, 1968*a*); Little Shark River, oeste Everglades, Flórida (Brattegard, 1969); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).

c - *Metamysidopsis elongata* (Holmes) *atlantica* Bacescu, 1968
(Figs 8-9)

Metamysidopsis elongata atlantica Bacescu, 1968b, p. 237, fig. 2.

Metamysidopsis elongata atlantica Bacescu, 1969, p. 356.

Metamysidopsis elongata atlantica Brattegard, 1970b, p. 126.

Metamysidopsis elongata atlantica Almeida Prado, 1972, p. 10, figs 9-10.

DIAGNOSE - Olhos cônicos, córnea semi-esférica; antena lanceolada, com cerdas ao longo de toda a borda, pequeno artícuo distal com ápice truncado (Fig. 9b); maxila sem exópodo (característica genérica) (Fig. 9e); carpo-própodo do 2º-8º endópodos torácicos bi-segmentados (Fig. 9g); 2 cromatóforos ventrais, um no 3º e outro no 4º segmento abdominal; exópodo do 4º pleópodo do macho com 6 segmentos (Fig. 9h) e longa cerda terminal modificada (Fig. 9i); endópodo do urópodo provido de espinhos irregulares (cerca de 30) (Fig. 9j); telso inteiro em forma de cunha, com espinhos apicais, dos quais o mediano é menor e os laterais maiores que os demais (Fig. 9k).

MATERIAL EXAMINADO - Foram examinados 20 machos adultos (4,5-7,0 mm), tamanho médio 5,8 mm; 20 fêmeas grávidas (5,0-8,0 mm), tamanho médio 6,1 mm.

OCORRÊNCIA - Saco de São Francisco, Niterói (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).

d - *Mysidopsis coelhoi* Bacescu, 1968
(Figs 10-12)

Mysidopsis coelhoi Bacescu, 1968b, p. 245, fig. 5.

Mysidopsis coelhoi Brattegard, 1969, p. 59.

Mysidopsis coelhoi Almeida Prado, 1972, p. 13, figs 17-19.

DIAGNOSE - Olhos globulosos; escama da antena lanceolada, extremamente longa, com cerdas ao longo de toda a borda, grande artícuo distal pontegudo (Fig. 11b); carpo-própodo do 3º-8º endópodos torácicos tri-segmentados (Fig. 11g); 1º-5º pleópodos do macho com 8 artícuos (Fig. 12a-e), exópodo do 4º pleópodo do macho terminando num longo espinho com cerdas no ápice (Fig. 12d); exópodo do urópodo com cerdas em toda a borda; borda interna do endópodo do urópodo provida de espinhos (cerca de 19) (Fig. 12f); telso inteiro linguiforme, provido de espinhos ao longo de toda a borda (cerca de 46), espinhos apicais aumentando de tamanho abruptamente em relação aos laterais (Fig. 12g); coloração característica, cromatóforos ao longo de toda a face ventral, desde a escama da antena até o urópodo.

MATERIAL EXAMINADO - Foram examinados 5 machos adultos (5,5-6,0 mm), tamanho médio 5,9 mm; 2 fêmeas adultas (5,5 mm).

OCORRÊNCIA - Saco de São Francisco, Niterói (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).

OBSERVAÇÃO - No espécime descrito por Bacescu o 4º pleópodo do macho possui 9 artículos e os espinhos do telso (40), têm distribuição descontínua; os medianos são separados dos apicais e basais por um espaço. Estas pequenas diferenças em número de artículos e espinhos não são significativas, porque a descrição de Bacescu foi baseada num único exemplar.

e - *Mysidopsis tortonesi* Bacescu, 1968
(Figs 13-14)

Mysidopsis californica Bacescu, 1968a, p. 85.

Mysidopsis tortonesi Bacescu, 1968b, p. 242.

Mysidopsis tortonesi Brattegard, 1969, p. 59.

Mysidopsis tortonesi Almeida Prado, 1972, p. 9, figs 4-5.

DIAGNOSE - Olhos globulosos, córnea característica, com pequena projeção lateral sobre o pedúnculo ocular, escama da antena lanceolada, com cerdas ao longo de toda a borda, pequeno artículo distal ponteagudo (Fig. 14b); carpo-própodo do 2º-8º endópodos torácicos bi-segmentados (Fig. 14g); cromatóforos ventrais nos 5 primeiros segmentos abdominais; 4º pleópodo do macho com 7 segmentos, espinho apical plumoso (Fig. 14h); exópodo do urópodo com cerdas ao longo de toda a borda; endópodo do urópodo provido de espinhos ornamentados ao longo de toda a borda (cerca de 20) e de escamas atípicas sobre a face ventral, mais densamente distribuída na região do estatocisto (Fig. 14i); telso inteiro lingüiforme, provido de espinhos na borda, espaço entre os 2º-4º espinhos látero-basais e látero-apicais, que aumentam gradativamente de tamanho no sentido base-ápice (Fig. 14j).

MATERIAL EXAMINADO - Foram examinados 20 machos adultos (5,0-7,5 mm), tamanho médio 6,55 mm; 20 fêmeas adultas (6,0-7,0 mm), tamanho médio 6,30 mm.

OCORRÊNCIA - Ubatuba, São Paulo (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).

f - *Promysis atlantica* Tattersall, 1923
(Figs 15-17)

Promysis atlantica Tattersall, 1923, p. 286, pl. I, figs 5-6.

Promysis atlantica Illig, 1930, p. 587.

Promysis atlantica Tattersall, 1951, p. 245, fig. 56.

Promysis atlantica Clarke, 1956, p. 1, figs 1-6.

Promysis atlantica Costa, 1964, p. 8, est. II, figs 1-2.

Promysis atlantica Almeida Prado, 1972, p. 12, figs 14-16.

DIAGNOSE - Espécie delgada; olhos cônicos, pedúnculo ocular cilíndrico e longo; escama da antena, lanceolada, com cerdas ao longo de toda a borda, pequeno artícuo distal com ápice truncado (Fig. 16b); carpo-próximo da 8ª perna torácica bi-segmentada (Fig. 17a); urópodo muito característico, vesícula do estatocisto muito dilatada, exópodo com cerdas em toda a borda, endópodo com extremidade distal para o plano sagital do animal e provido de espinhos de tamanhos diferentes, na borda interna (cerca de 35), os 4 apicais ligeiramente curvos (Fig. 17c); telso linguiforme chanfrado, com espinhos na borda látero-distal (cerca de 22-25 de cada lado) (Fig. 17d).

MATERIAL EXAMINADO - Foram examinados 12 machos adultos (4,0-5,5 mm), tamanho médio 4,8 mm; 20 fêmeas adultas (4,5-5,5 mm), tamanho médio 5,1 mm.

OCORRÊNCIA - Seis milhas ao largo do porto do Rio de Janeiro, 2 m de profundidade (Tattersall, 1923); Carolina do Norte e do Sul, Estados Unidos (Clarke, 1956); Ilha do Governador (Costa, 1964); norte do Cabo Hatteras, Carolina do Norte, até o Forte Pierce, Flórida, Estados Unidos (Wigley & Burns, 1971); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).

OBSERVAÇÃO - O telso apresenta um número de espinhos (cerca de 22-25) igual ao descrito por Clarke (1956) e muito superior ao descrito por Tattersall (1923). O número de espinhos da borda interna do endópodo do urópodo (35) é muito superior ao citado por Tattersall (16) e ao que figura no desenho de Clarke (20). O tamanho (5,1 mm - fêmea e 4,8 mm - macho) é sensivelmente menor que o citado por Clarke (7,0 mm - fêmea e 8,0 mm - macho).

No caso de Tattersall, estas diferenças se justificam porque sua descrição original baseou-se num único exemplar jovem. No caso de Clarke, as diferenças se devem a variações geográficas.

DISTRIBUIÇÃO ZOOGEOGRÁFICA

Até o presente conhecem-se 13 espécies de Mysidacea de águas rasas nas costas do Brasil:

1. *Mysidium gracile* Dana, 1852.

Rio de Janeiro (Dana, 1852) (apud Tattersall, 1951); Urca, Guanabara (Costa, 1964).

2. *Clamydopleon aculeatum* Ortmann, 1893.
Boca do rio Tocantins, Pará (Ortmann, 1893).
3. *Metamysidopsis munda* (Zimmer, 1918).
Armação, Rio de Janeiro (Zimmer, 1918).
4. *Promysis atlantica* W.M. Tattersall, 1923.
Ao largo do Rio de Janeiro (Tattersall, 1923); Ilha do Governador, Guanabara (Costa, 1964); Ubatuba, São Paulo (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).
5. *Siriella thompsoni* W.M. Tattersall, 1927.
Costa leste dos Estados Unidos (Tattersall, 1927); entre Pernambuco e Rio de Janeiro (Coifmann, 1937) (apud Costa, 1964).
6. *Siriella chierchiae* Coifmann, 1937.
15°S - 038°W, Brasil (Coifmann, 1937) (apud Brattegard, 1969).
Urca, Guanabara, Piscina do Audax Club (Costa, 1964).
7. *Bowmaniella (Coifmanniella) dissimilis* (Coifmann, 1927).
15°S - 038°W, Brasil (Coifmann, 1937) (apud Brattegard, 1969).
Praia da Ribeira, Rio de Janeiro (Costa, 1964).
8. *Brasilomysis castroi* Bacescu, 1968.
Ubatuba, São Paulo (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).
9. *Mysidopsis tortonesi* Bacescu, 1968.
Ubatuba, São Paulo (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).
10. *Metamysidopsis elongata atlantica* Bacescu, 1968.
Saco de São Francisco, Niterói (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).
11. *Mysidopsis coelhoi* Bacescu, 1968.
Saco de São Francisco, Niterói (Bacescu, 1968b); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).
12. *Bowmaniella (Coifmanniella) brasiliensis* Bacescu, 1968.
Baías de Mangaratiba e de Sepetiba, Rio de Janeiro (Bacescu, 1968c); região de Cananéia (Almeida Prado, 1972).
13. *Bowmaniella (Bowmaniella) atlantica* Silva, 1970.
Baía de Sepetiba, Rio de Janeiro (Silva, 1971a).
14. *Bowmaniella (Bowmaniella) recifencis*.
08°03'S - 034°45.0'W (Silva, 1971).

De todas as espécies assinaladas nas costas brasileiras, somente *Bowmaniella (Coifmanniella) dissimilis* foi considerada sinônimo de *Clamydopleon aculeatum* por Tattersall (1951), que julgou inadequada a descrição de Ortmann (1893).

As pesquisas já feitas restringem-se a alguns pontos da costa e, em Ubatuba, São Paulo, têm seu limite sul. Nestas condições, o conhecimento sobre

a distribuição costeira dos Mysidacea, em águas brasileiras, é insuficiente e, por isso, são necessárias investigações mais amplas.

Os dados presentes ampliam a distribuição de *Mysidopsis tortonesi*, *M. coelhoi*, *Brasilomysis castroi*, *Metamysidopsis elongata atlantica*, *Promysis atlantica* e *Bowmaniella (C.) brasiliensis*, até a região de Cananéia.

Dentre as espécies que ocorrem em Cananéia, somente duas são encontradas também no hemisfério norte, *Promysis atlantica* na Carolina do Norte e do Sul (Clarke, 1956), norte do Cabo Hatteras, Carolina do Norte, até o Forte Pierce, Flórida (Wigley & Burns, 1971) e *Brasilomysis castroi* no sudoeste da Flórida (Brattegard, 1969).

Em outras regiões da costa brasileira ocorrem *Bowmaniella (C.) dissimilis*, *Siriella chierchiaie*, *Siriella thompsoni*, *Mysidium gracile*, *Metamysidopsis munda*, que também ocorrem no hemisfério norte (Costa, 1964).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Plínio Soares Moreira a leitura e crítica deste manuscrito.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA PRADO, M.S. de 1972. Mysidacea (Crustacea) da região lagunar de Cananéia. Tese de doutoramento. Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, 86 p., 68 figs.
- BACESCU, M. 1968a. *Afromysis guinensis* n. sp. and *Brasilomysis castroi* n.g. n.sp. from the waters of the tropical Atlantic. *Revue roum. Biol. Zool.*, 13 (2):75-86.
- 1968b. Étude de quelques Leptomysini (Crustacea, Mysidacea) des eaux du Brésil et de Cuba; description d'un genre et de cinq autres taxons nouveaux. *Annali Mus. civ. Stor. nat. Giacomo Doria*, 77:232-249.
- 1968c. Contributions to the knowledge of the Gastrosaccinae psammobionte of the tropical America, with a description of a new genus (*Bowmaniella*, n.g.) and three species of its frame. *Trav. Mus. Hist. nat. Gr. Antipa*, 8:355-373.
- 1969. Contribution à la connaissance du genre *Metamysidopsis* W. Tattersall, 1951. *M. swifti* n. sp. - *M. mexicana* n.n., confondues avec *M. munda* Zimmer. *Revue roum. Biol. Zool.*, 14 (5):349-357.
- BRATTEGARD, T. 1969. Marine biological investigation in the Bahamas. 10. Mysidacea from shallow water in the Bahamas and Southern Florida. Part I. *Sarsia*, 39:17-106.
- 1970a. Marine biological investigation in the Bahamas. 11. Mysidacea from shallow water in the Bahamas and Southern Florida. Part 2. *Sarsia*, 41:1-36.

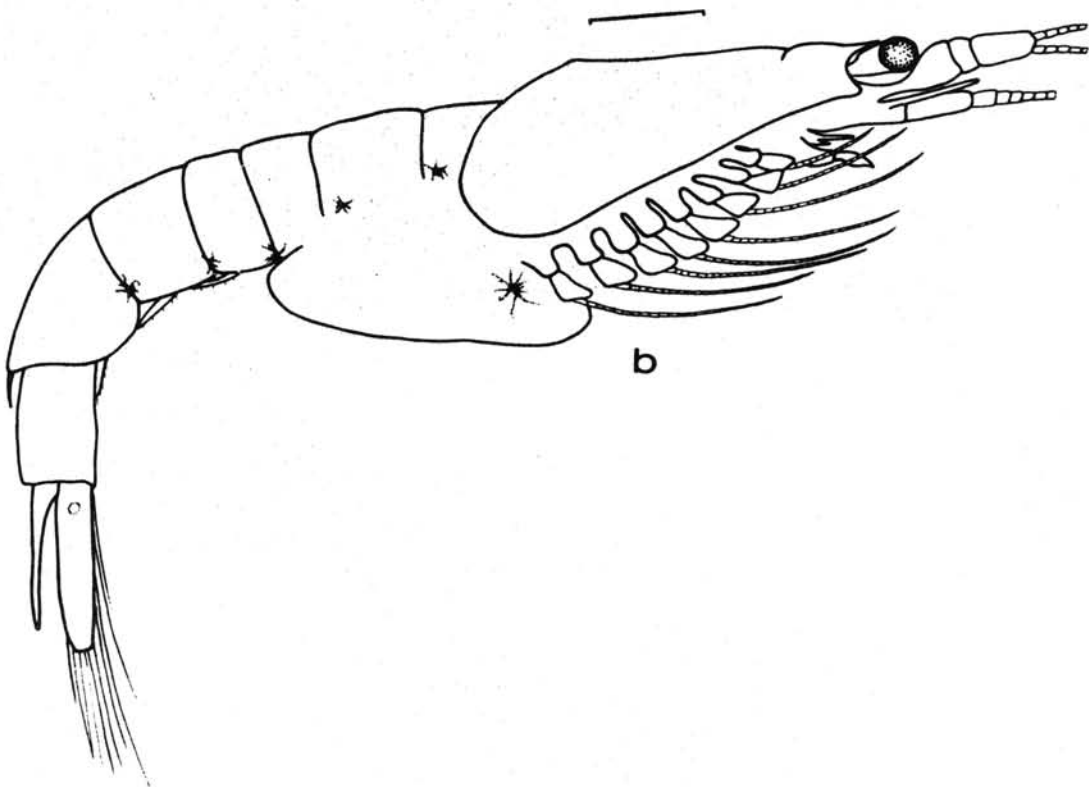
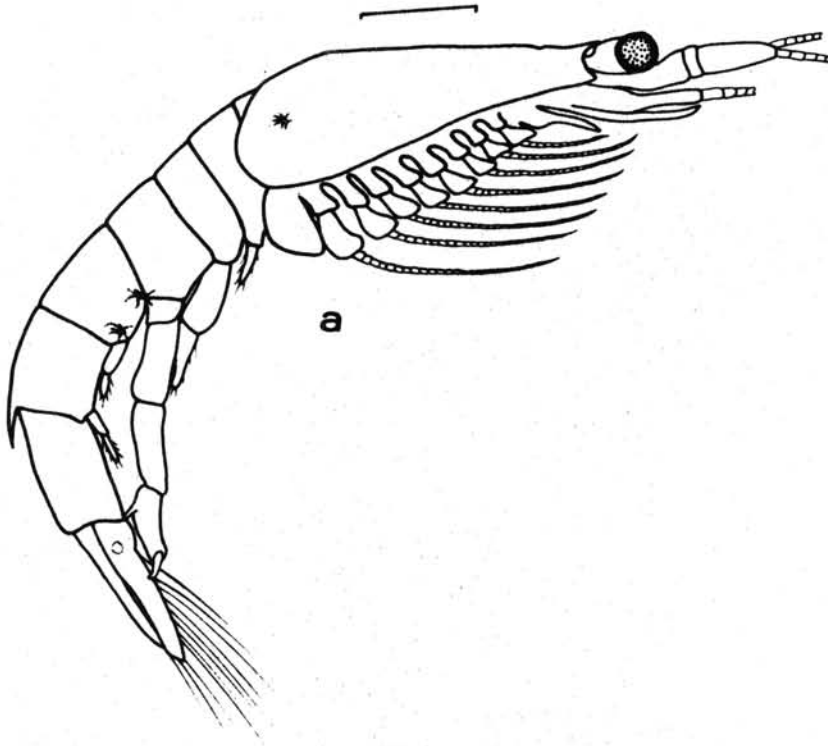
- _____ 1970b. Mysidacea from shallow water in the Caribbean Sea. *Sarsia*, 43:111-154.
- CLARKE, Wm. D. 1956. A further description of *Promysis atlantica* Tattersall (Crustacea, Mysidacea). *Am. Mus. Novit.*, (1755):1-5.
- COSTA, H.R. 1964. Notas sobre os Mysidacea da costa brasileira. *Bolm Mus. nac. Rio de J., n.s., Zool.*, (247):1-9.
- ILLIG, G. 1930. Die Schizopoden der Deutschen Tiefsee-Expedition. *Wiss. Ergebn. dt. Tiefsee-Exped. "Valdivia"*, 22 (6):397-625.
- ORTMANN, A. 1893. Decapoden und Schizopoden. *Ergbn. Plankton-Exped.*, 2 (G.b.):1-120.
- SILVA, V.M.P. da 1970. *Gastrosaccus brasiliensis* nova espécie de Crustacea Mysidacea. *Atas Soc. Biol. Rio de J.*, 13 (1/2):35-36.
- _____ 1971a. *Bowmaniella (Bowmaniella) atlantica*, novo nome para *Gastrosaccus brasiliensis* (da Silva, 1970) (Crustacea, Mysidacea). *Atas Soc. Biol. Rio de J.*, 14 (5/6):159.
- _____ 1971b. *Bowmaniella (Bowmaniella) recifensis* n. sp. de Crustacea, Mysidacea. *Atas Soc. Biol. Rio de J.*, 14 (5/6):185-187.
- TATTERSALL, W.M. 1923. Crustacea. Part VII. Mysidacea. *Br. Antarct. Terra Nova Exped. 1910, Zool.*, 3 (10):273-304.
- _____ 1927. Crustaceans of the orders Euphausiacea and Mysidacea from the western Atlantic. *Proc. U.S. natn. Mus.*, 69 (8):1-31.
- _____ 1951. A review of the Mysidacea of the United States National Museum. *Bull. U.S. natn. Mus.*, (201):1-292.
- _____ & TATTERSALL, O.S. 1951. *The British Mysidacea*. London, Ray Society, 460 p.
- WIGLEY, L. & BURNS, B.R. 1971. Distribution and biology of mysids (Crustacea, Mysidacea) from the Atlantic coast of the United States in the NMFS; Woods Hole Collection. *Fishery Bull. Fish. Wildl. Serv. U.S.*, 69 (4):717-746.
- ZIMMER, C. 1918. Neue und wenig bekannte Mysidaceen des Berlinger Zoologischen Museum. *Mitt. zool. Mus. Berl.*, 9 (1):15-26.

Fig. 2 - *Bowmaniella (C.) brasiliensis*

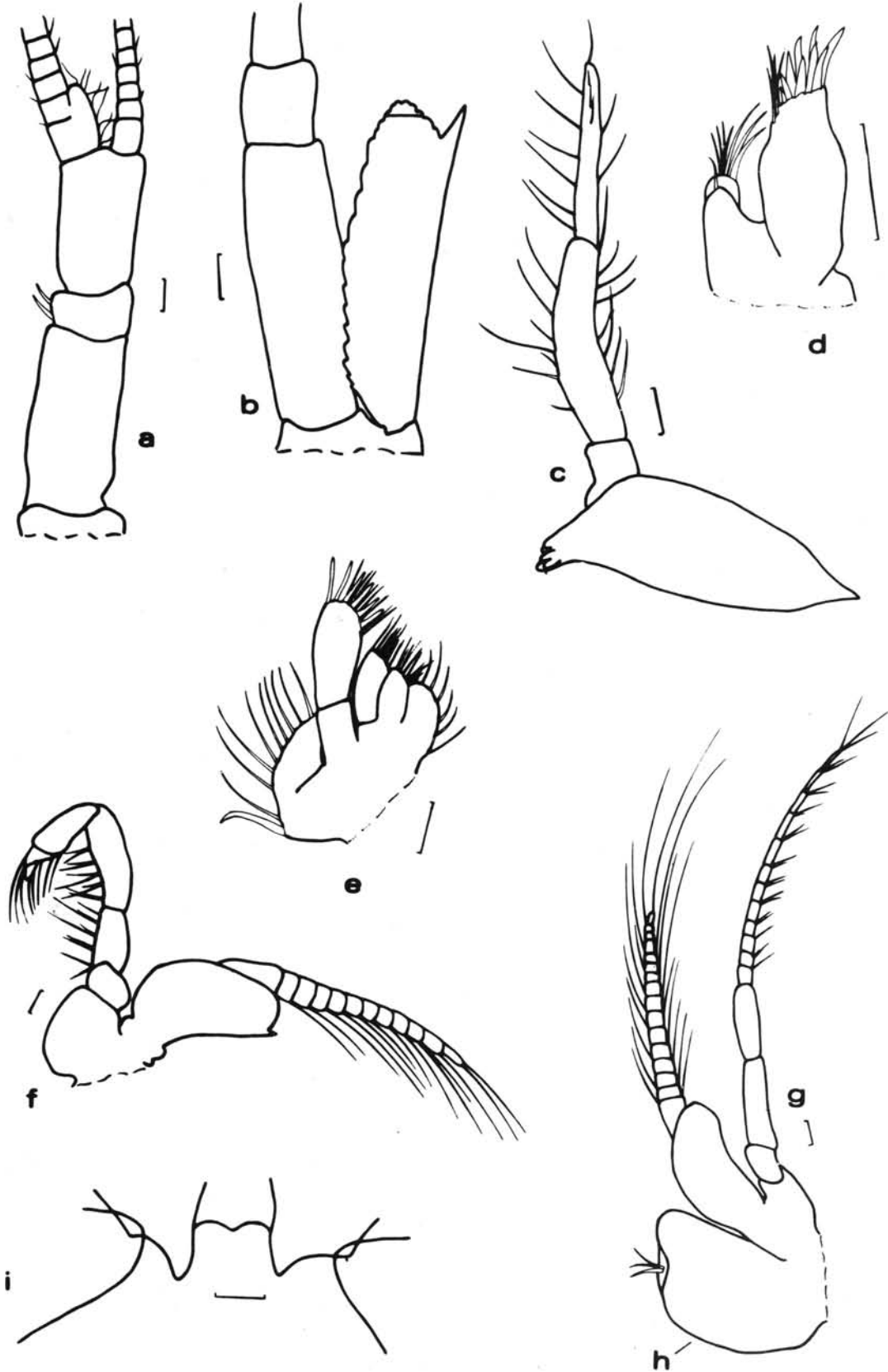
a - Macho adulto

b - Fêmea adulta

Escala: fig. a - 1 mm, fig. b - 0,5 mm.



- Fig. 3 - Bowmaniella (C.) brasiliensis*
- a - Antênula
 - b - Antena
 - c - Mandíbula
 - d - Maxílula
 - e - Maxila
 - f - Primeira perna torácica
 - g - Oitava perna torácica
 - h - Ampola genital masculina
 - i - Borda posterior da carapaça
- Escala: 0,1 mm.



- Fig. 4 - Bowmaniella (C.) brasiliensis - macho adulto*
- a - Terceiro pleópodo - macho imaturo (7 mm)
 - b - Terceiro pleópodo - macho imaturo (8 mm)
 - c - Terceiro pleópodo - macho adulto (9,5 mm)
 - d - Urópodo
 - e - Telso
 - f - Vista dorsal da parte anterior do cefalotorax
- Escala: 0,1 mm (salvo, fig. f - 0,5 mm).

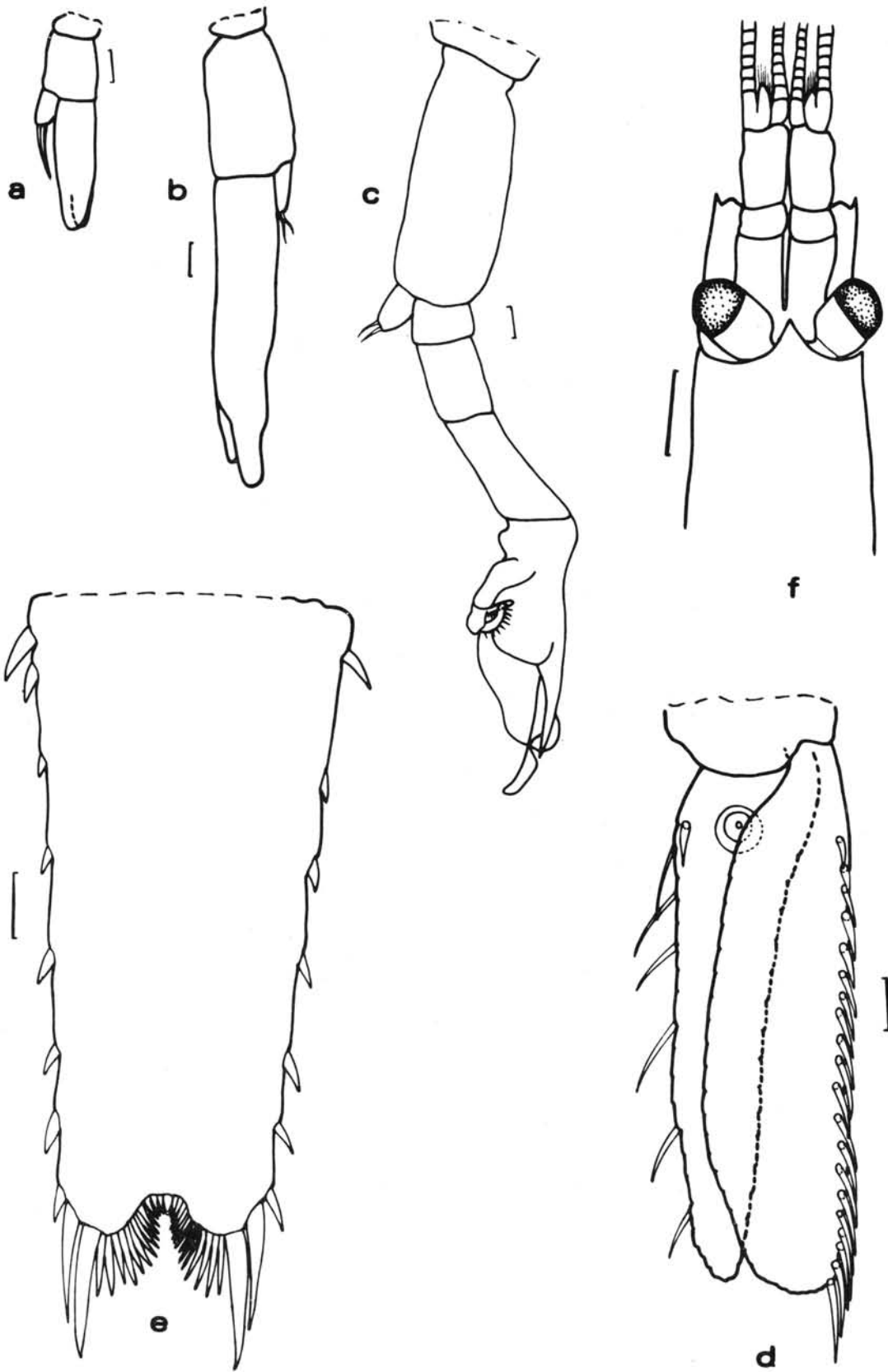


Fig. 5 - Brasilomysis castroi

a - Macho adulto

b - Fêmea adulta

Escala: 0,5 mm.

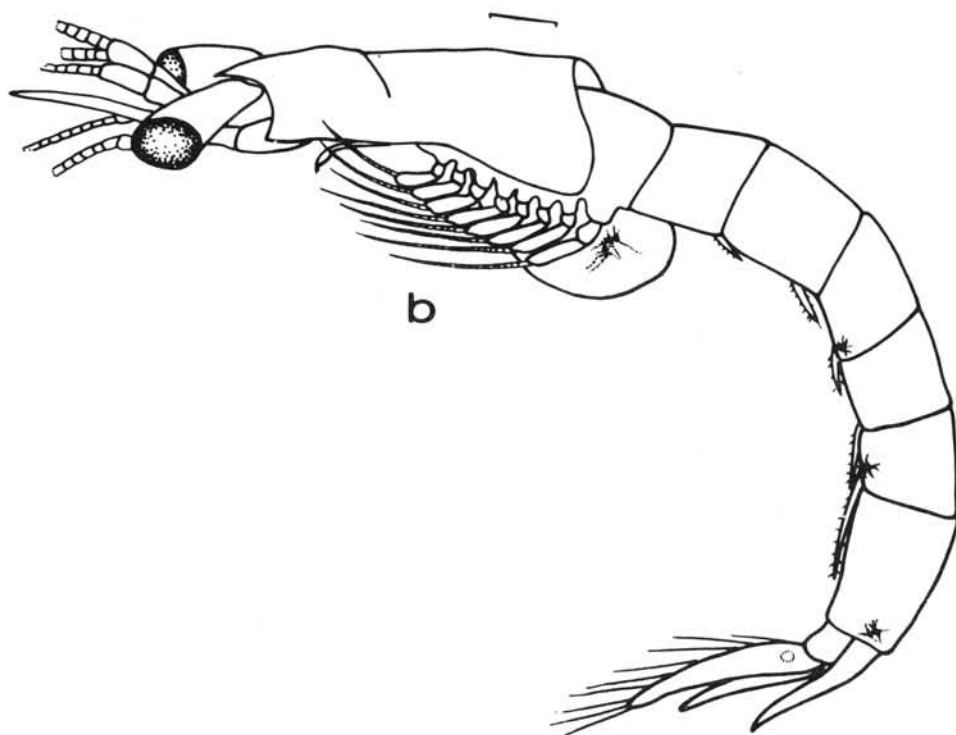
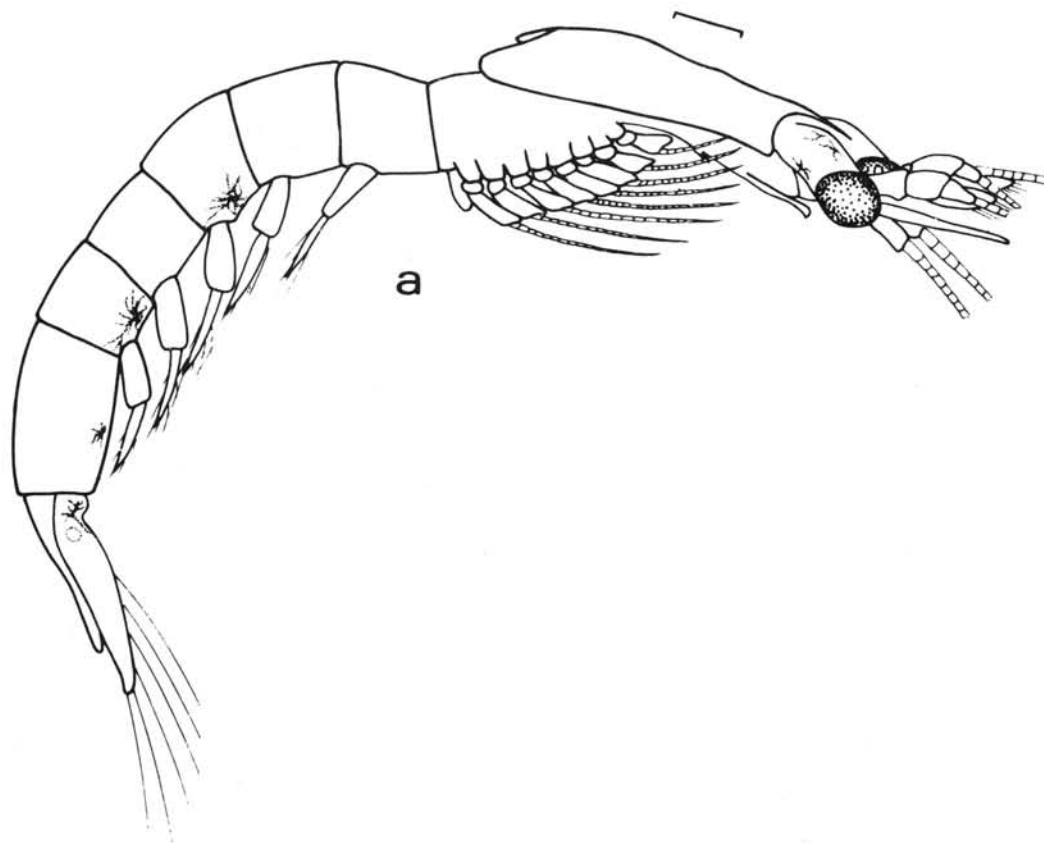


Fig. 6 - Brasilomysis castroi - macho adulto

a - Antênula

b - Antena

c - Mandíbula

d - Maxílula

e - Maxila

f - Primeira perna torácica

g - Vista dorsal da parte anterior do cefalotorax

Escala: 0,1 mm (salvo fig. g - 0,5 mm).

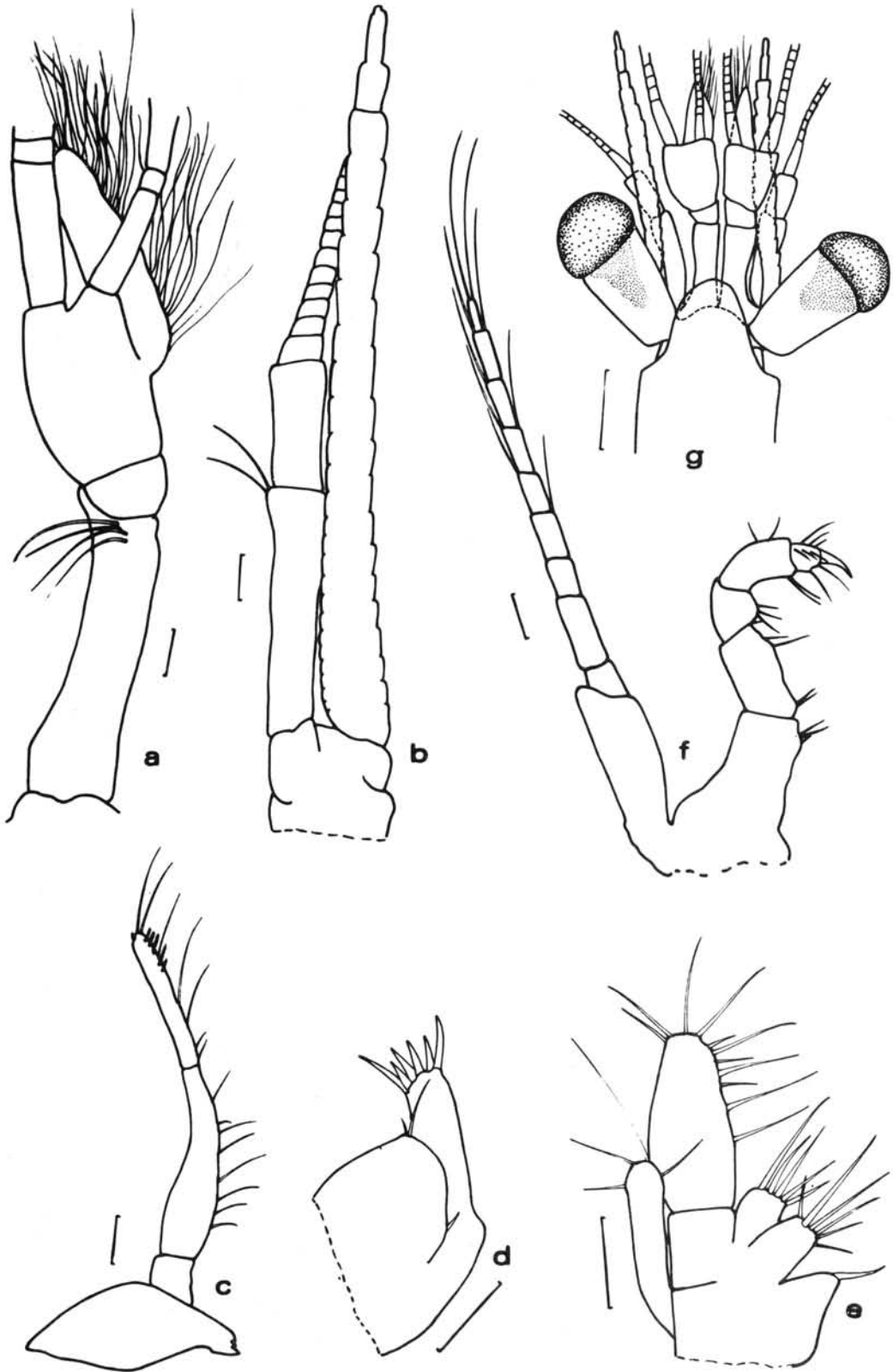


Fig. 7 - Brasilomysis castroi - macho adulto

- a - Oitava perna torácica
- b - Espinhos flagelados do merus da oitava perna torácica
- c - Quarto pleópodo
- d - Urópodo
- e - Telso
- f - Espinhos ornamentados do telso

Escala: 0,1 mm.

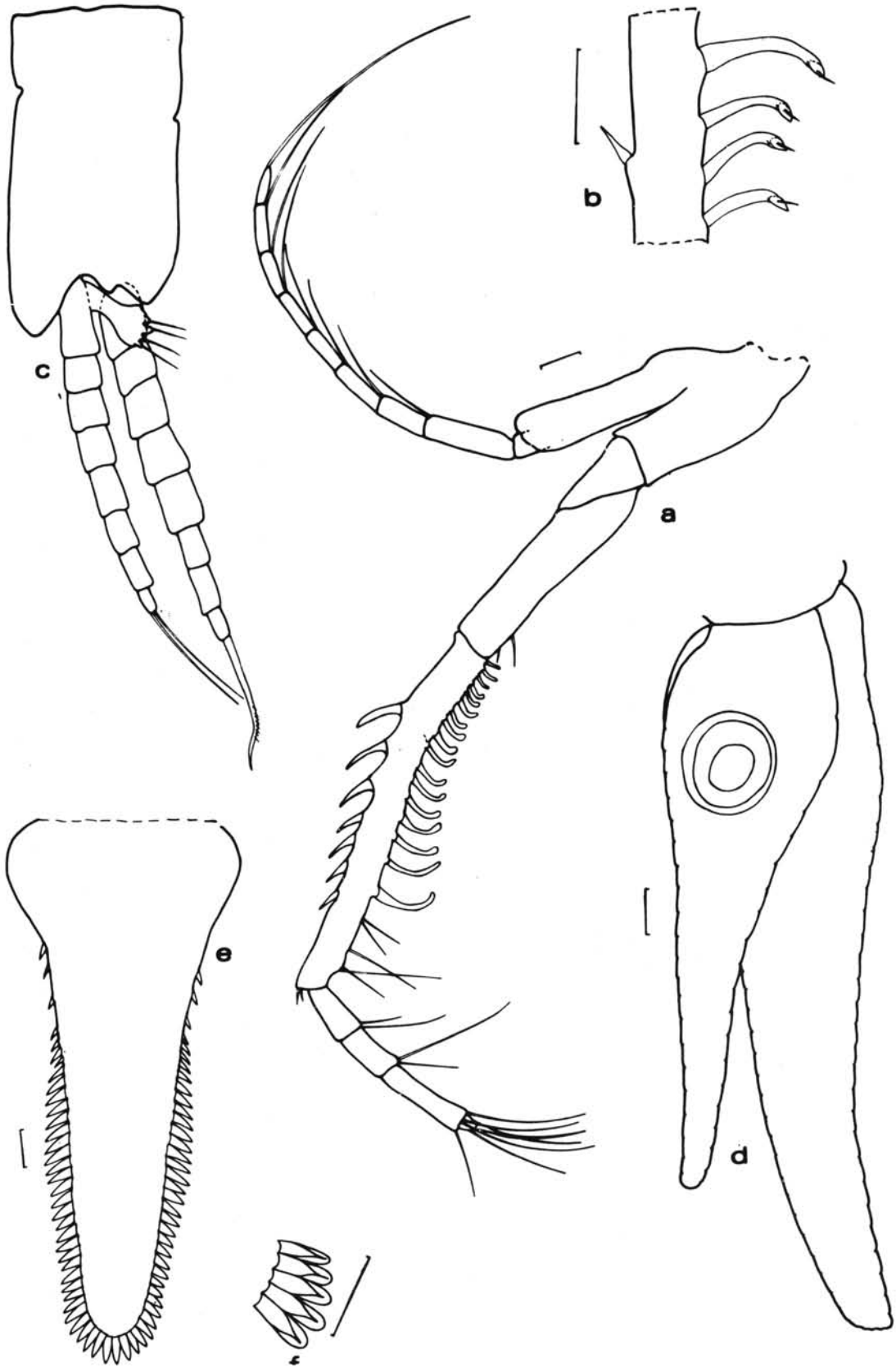
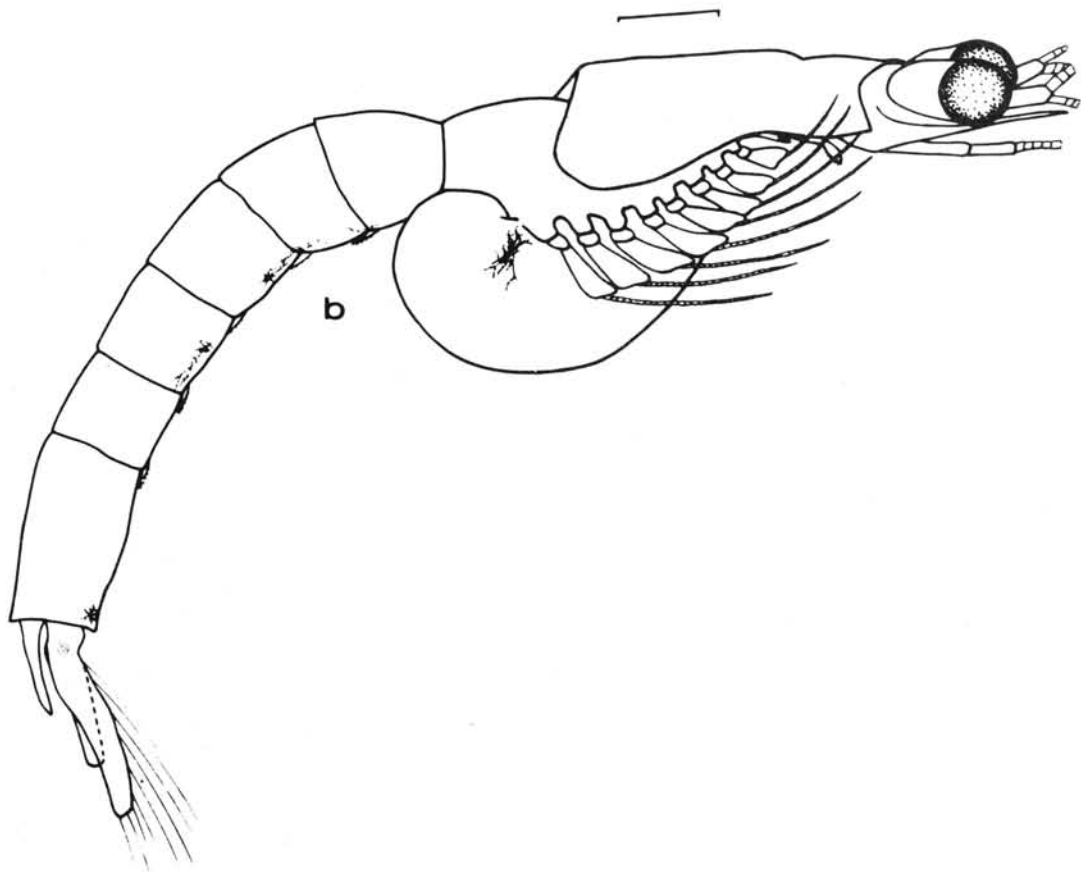
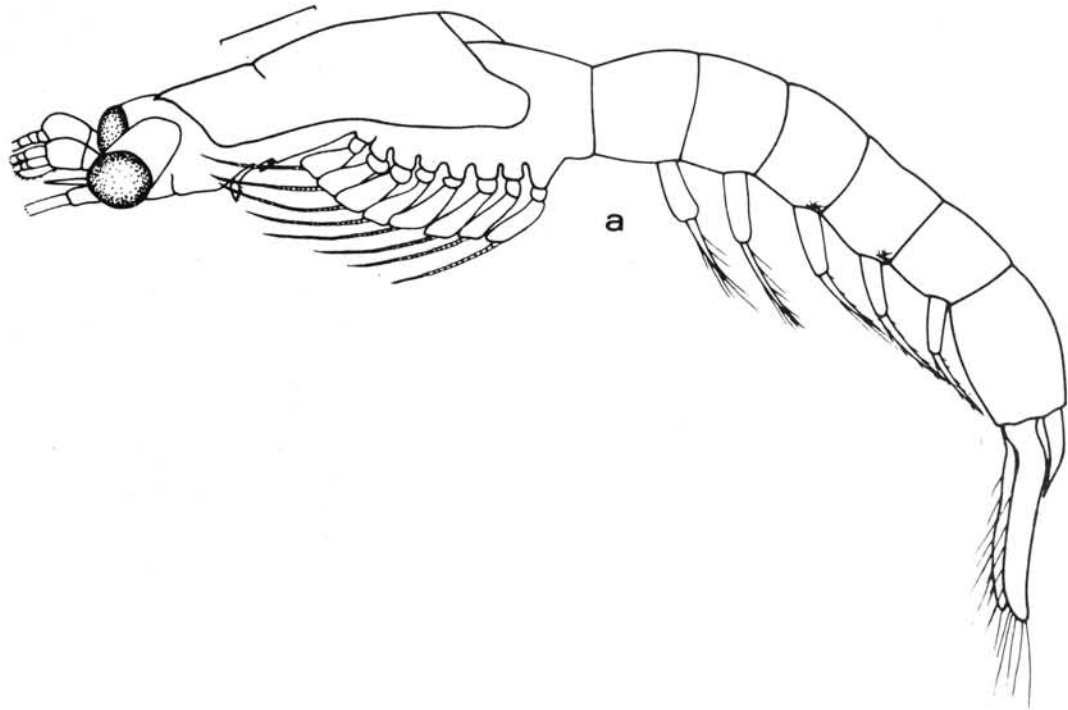


Fig. 8 - Metamysidopsis elongata atlantica

a - Macho adulto

b - Fêmea adulta

Escala: 0,5 mm.



- Fig. 9 - Metamysidopsis elongata atlantica - macho adulto*
- a - Antênula
 - b - Antena
 - c - Mandíbula
 - d - Maxílula
 - e - Maxila
 - f - Primeira perna torácica
 - g - Oitava perna torácica
 - h - Quarto pleópodo
 - i - Cerda terminal do quarto pleópodo do macho
 - j - Urópodo
 - k - Telso
 - l - Vista dorsal da parte anterior do cefalotorax
- Escala: 0,1 mm (salvo fig. 1 - 0,5 mm).

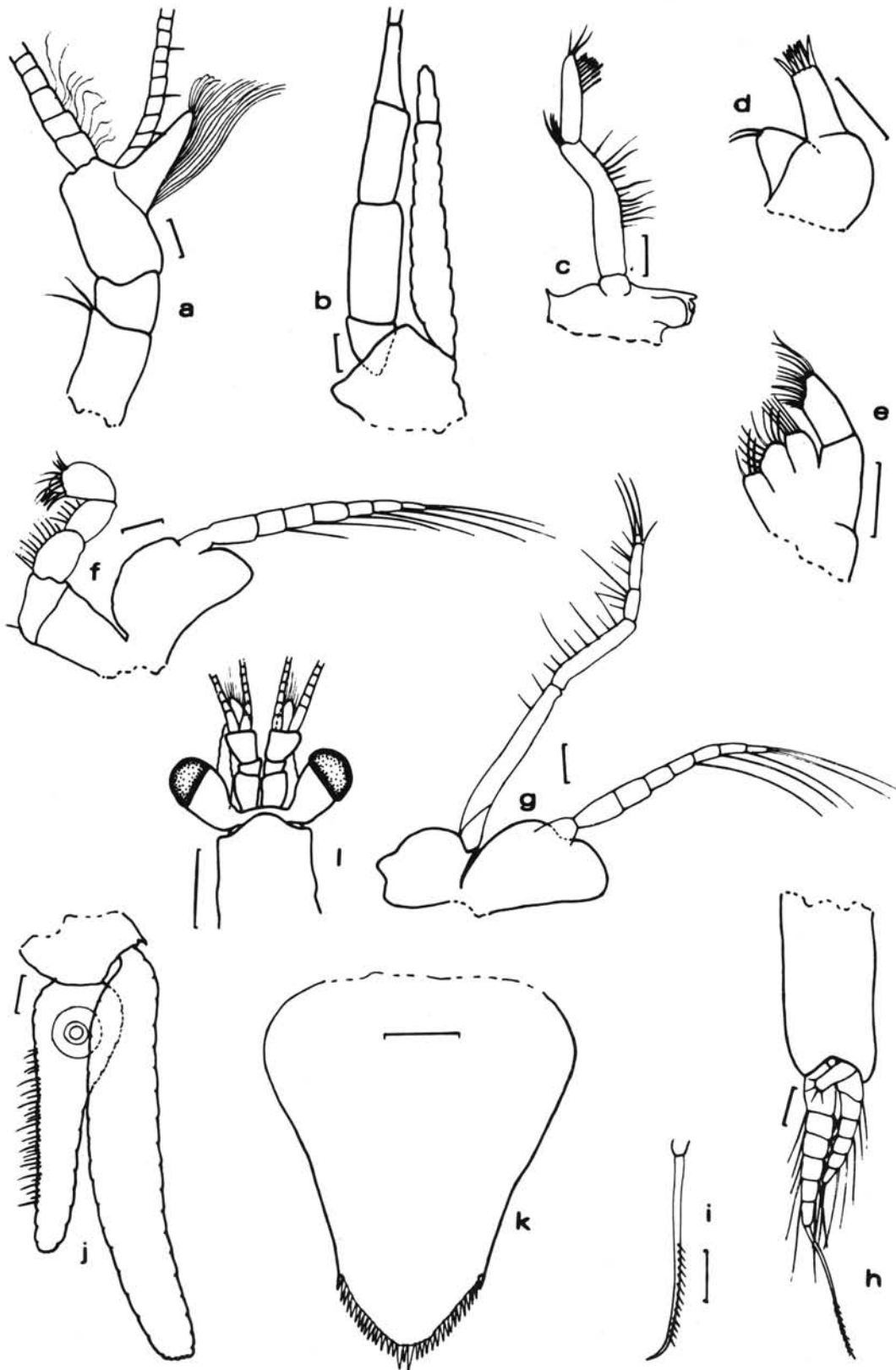


Fig. 10 - Mysidopsis coelhoi

a - Macho adulto

b - Fêmea adulta

Escala: 0,5 mm.

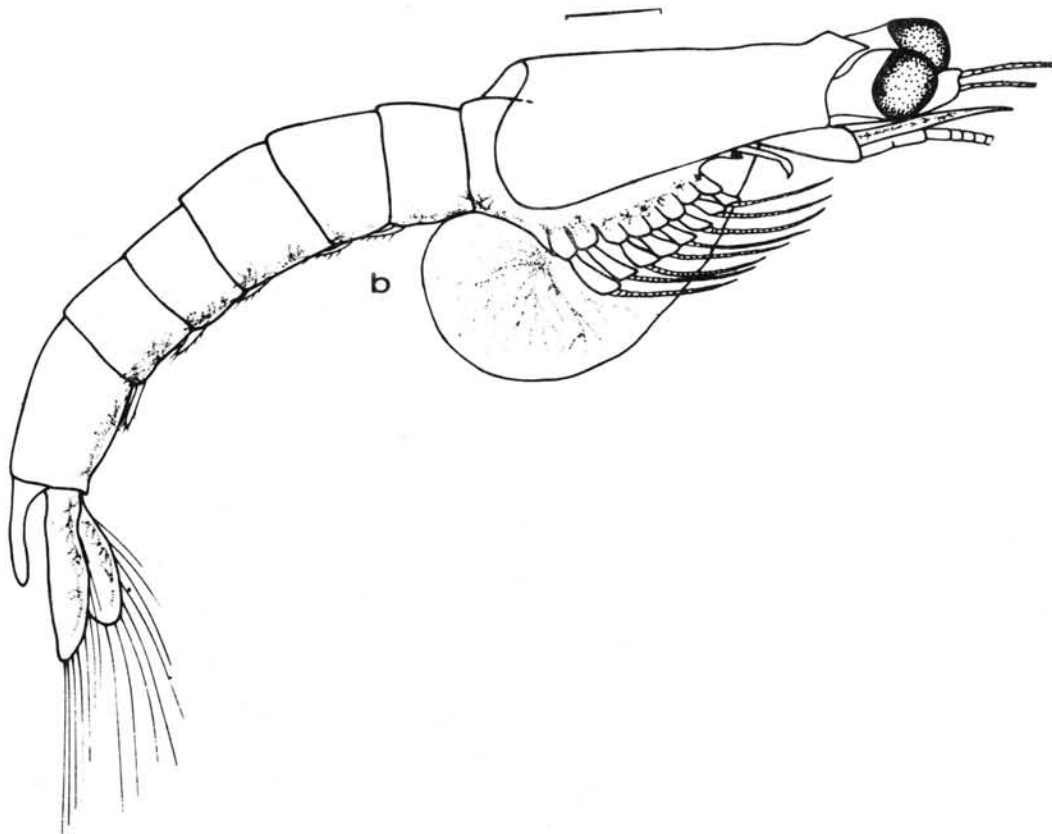
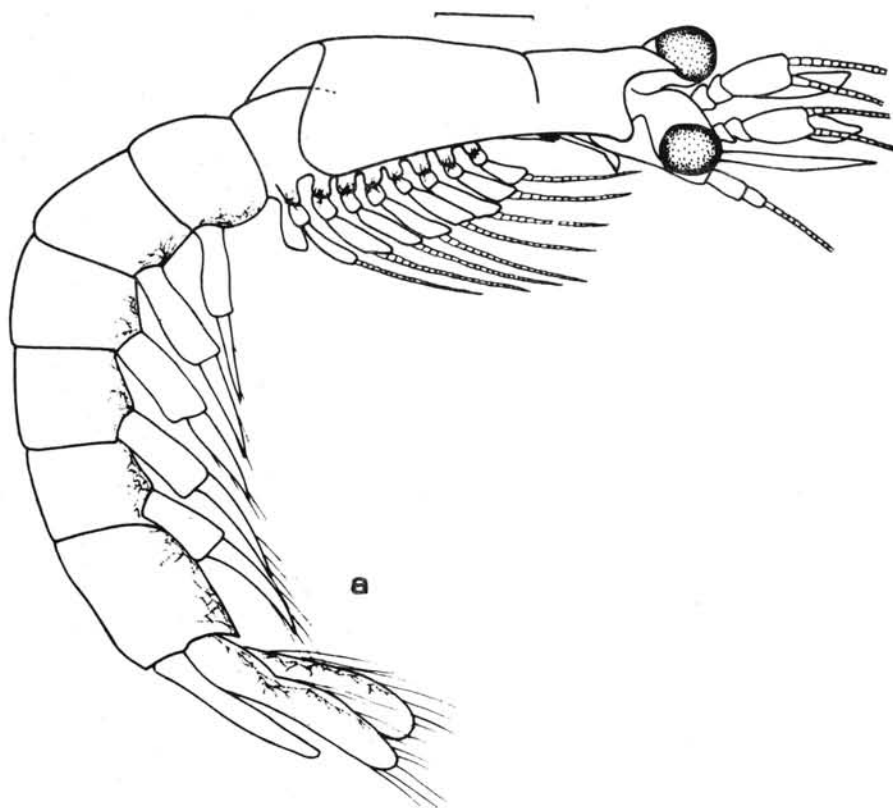


Fig. 11 - Mysidopsis coelhoi - macho adulto

- a - Antênula
- b - Antena
- c - Mandíbula
- d - Maxílula
- e - Maxila
- f - Primeira perna torácica
- g - Oitava perna torácica
- h - Ampola genital masculina

Escala: 0,1 mm.

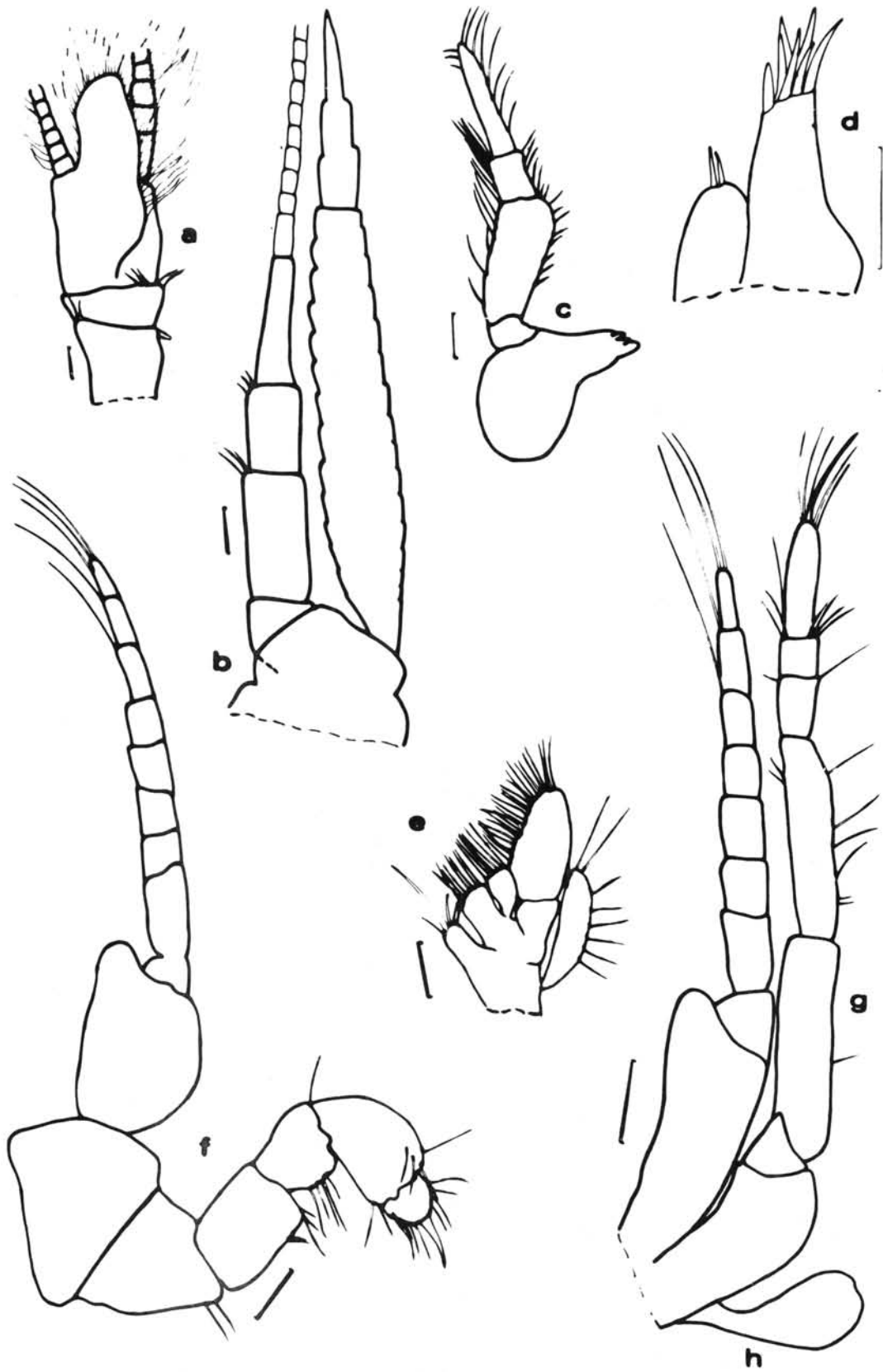


Fig. 12 - Mysidopsis coelhoi - macho adulto

- a - Primeiro pleópodo
- b - Segundo pleópodo
- c - Terceiro pleópodo
- d - Quarto pleópodo
- e - Quinto pleópodo
- f - Urópodo
- g - Telso
- h - Vista dorsal da parte anterior do cefalotorax

Escala: 0,1 mm (salvo fig. h - 0,5 mm).

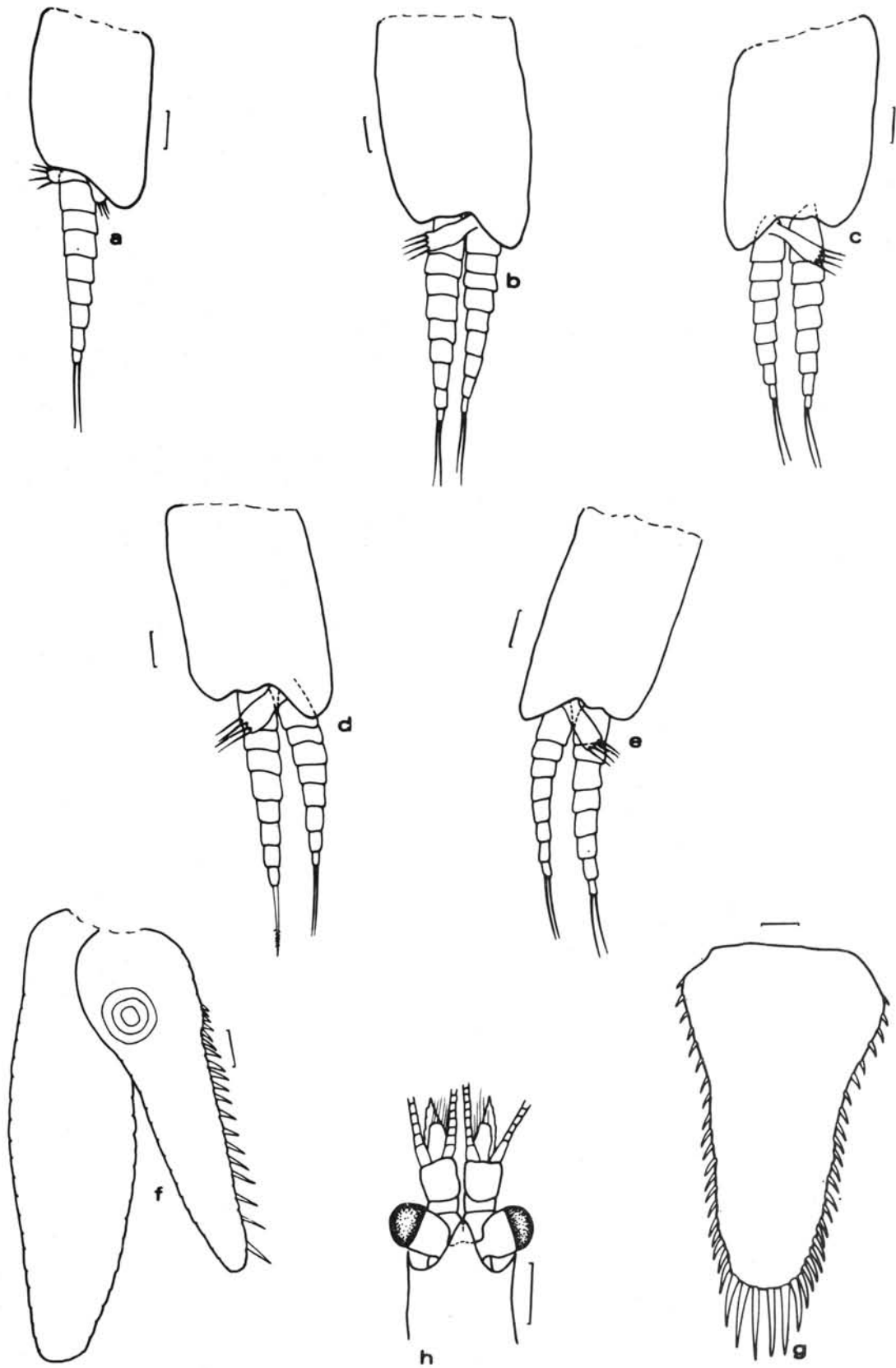


Fig. 13 - Mysidopsis tortonesi

a - Fêmea adulta

b - Macho adulto

Escala: 0,5 mm.

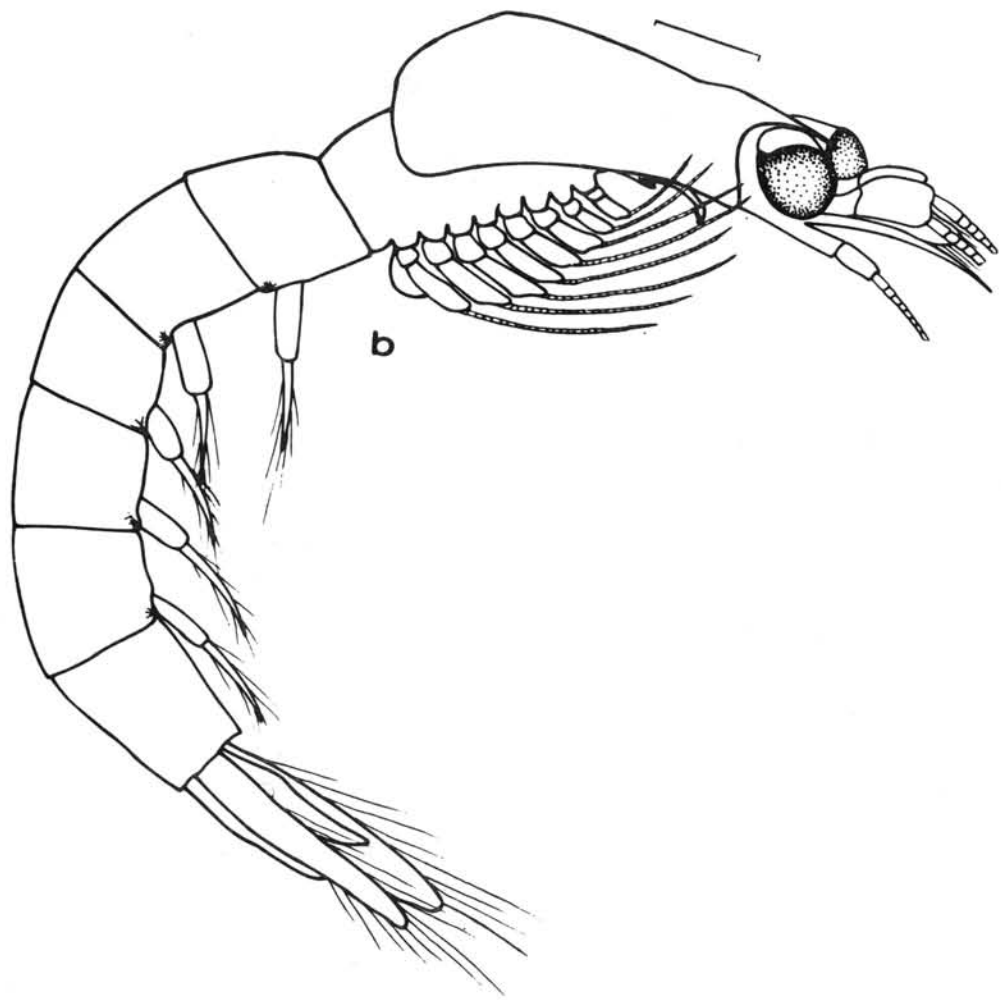
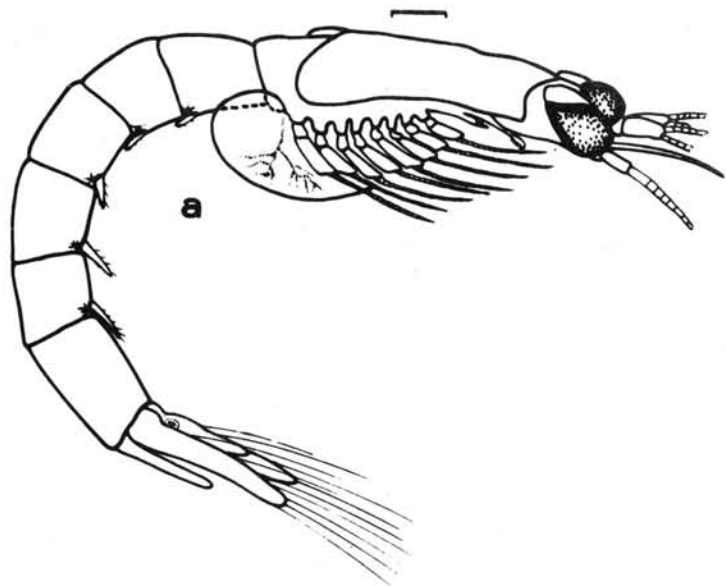


Fig. 14 - Mysidopsis tortenesi - macho adulto

- a - Antênula
- b - Antena
- c - Mandíbula
- d - Maxílula
- e - Maxila
- f - Primeira perna torácica
- g - Oitava perna torácica
- h - Quarto pleópodo
- i - Urópodo
- j - Telso
- k - Espinho ornamentado da borda interna do urópodo
- l - Vista dorsal da parte anterior do cefalotorax

Escala: 0,1 mm (salvo fig. 1 - 0,5 mm).

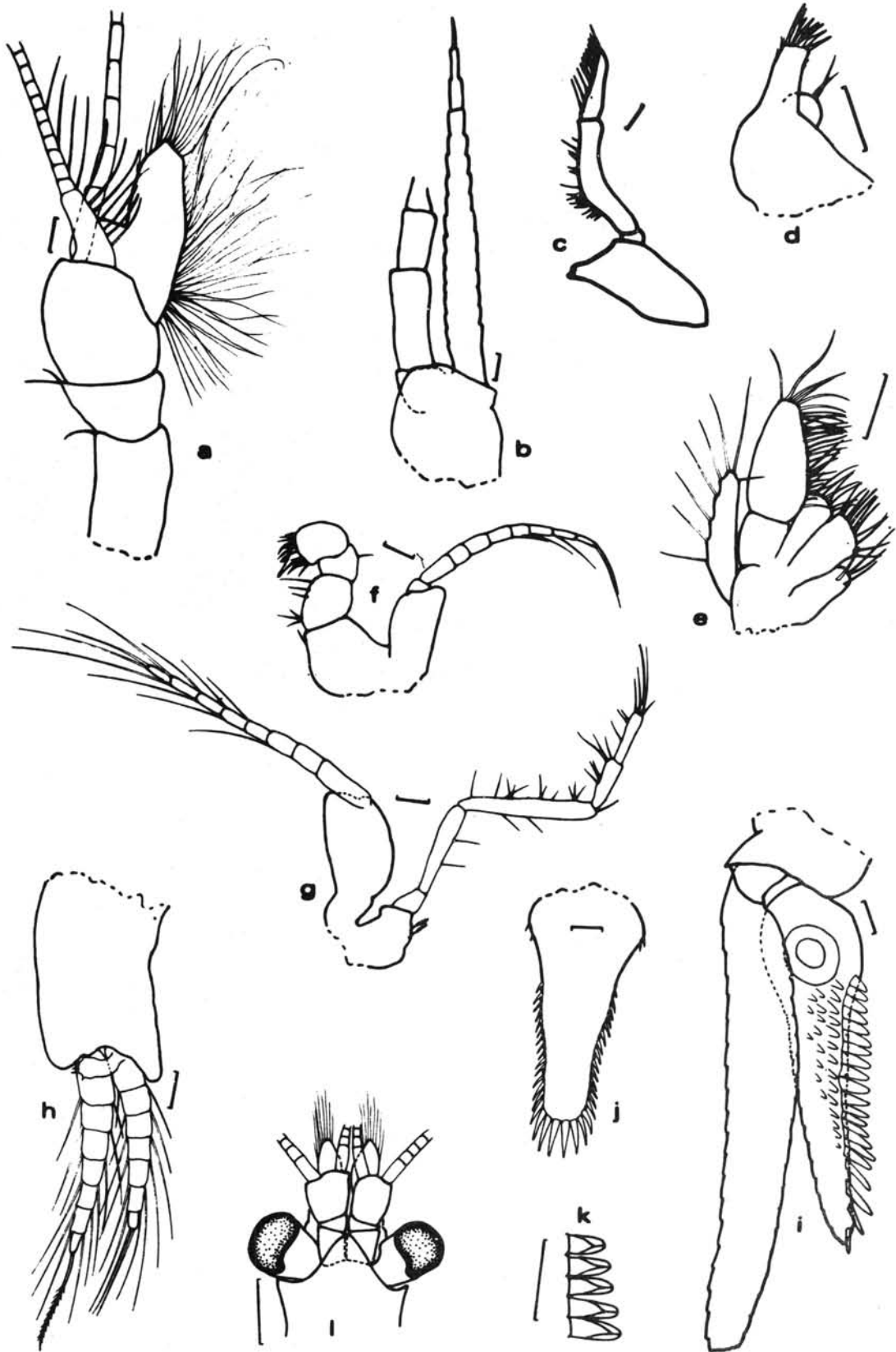


Fig. 15 - Promysis atlantica
a - Macho adulto
b - Fêmea adulta

Escala: 0,5 mm.

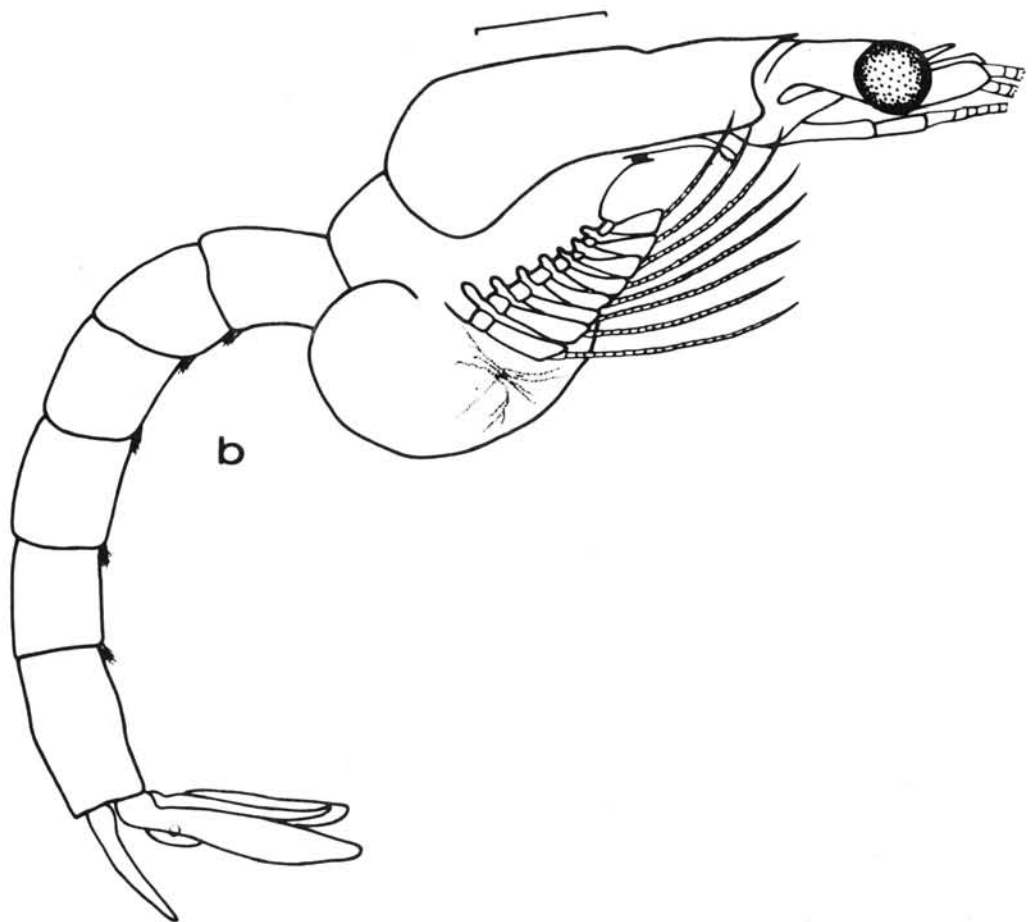
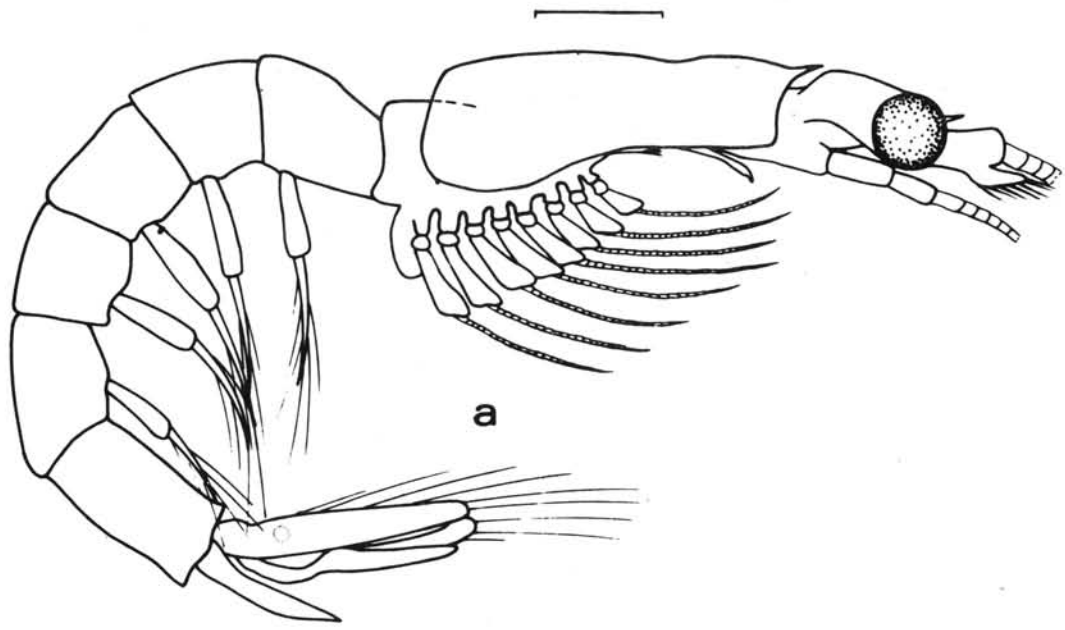


Fig. 16 - Promysis atlantica - macho adulto

- a - Antênula
- b - Antena
- c - Mandíbula
- d - Maxílula
- e - Maxila
- f - Primeira perna torácica

Escala: 0,1 mm.

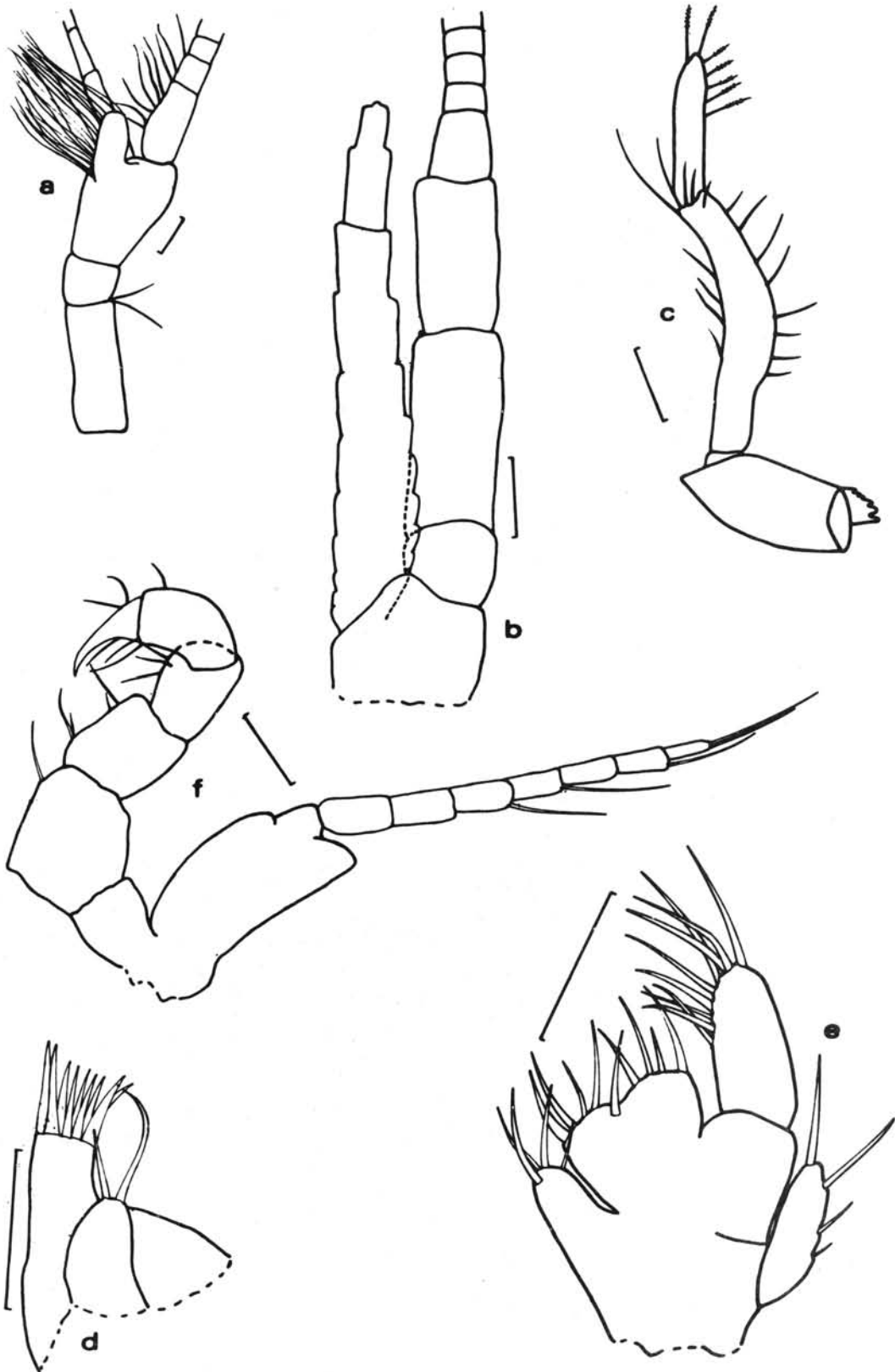


Fig. 17 - Promysis atlantica - macho adulto

- a - Oitava perna torácica
- b - Quarto pleópodo do macho
- c - Urópodo
- d - Telso
- e - Vista dorsal da parte anterior do cefalotorax

Escala: 0,1 mm (salvo fig. e - 0,5 mm).

